

Glosas Marginais sobre Pesquisa: Que É? Por Quê? Para Quê?

Uma Abordagem Filosófica

(Outline about Research: What is it? Why? For What?)

A Philosophical Approach

Marra Rodrigues, Osvaldino*

Resumo. Este artigo resulta da análise sobre o conceito e de algumas das finalidades da pesquisa. Concretamente, três questões delimitam o horizonte teórico sobre o tema: *que é pesquisa?*, *por quê pesquisa?* e *para quê pesquisa?* A pesquisa sempre é pertinente na medida em que se manifesta sobre o que é fundamental para a condição humana, isto é, sobre sua vida e questões que lhe dizem respeito. Para tanto, a pesquisa deve assumir o gênero humano como seu objeto de consideração. Isto deve resultar na apreciação da condição humana para que a partir dela sejam levados e elevados à sua maior e melhor compreensão pela reflexão e pela especulação.

Palavras-chave. Filosofia hermenêutica, dialética, condição humana, pesquisa, educação.

Abstract: This paper results of the analysis about concept and research's finalities. Specifically, there is three questions in theoretical perspective on the research: *what is research?*, *Why research?* and *what for research?* The research is always meaningful when it considers what is basic for the human condition, i.e., their life with all the questions related to it. In this way research has to assume the human gender as its object. This ends up in the consideration of the human condition as it is so that it may be better and deeper understood through reflection and speculation.

Key words. Philosophical hermeneutic, dialectic, human condition, research, education.

O homem aparece depois da criação da natureza e constitui o oposto ao mundo natural. É o ser que se eleva ao segundo mundo. Temos em nossa consciência universal dois reinos: o da natureza e o do espírito. O reino do espírito é o criado pelo homem (Georg W. Friedrich Hegel).

1. Palavras Iniciais: Perspectivas Teórico-Metodológicas

Este artigo é o resultado de uma reflexão provocada pela docência no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI), RS, sobre o conceito e algumas das finalidades da pesquisa. Concretamente, três perguntas delimitam o horizonte teórico-especulativo sobre o tema: *que é pesquisa?*, *por quê pesquisa?*, *para quê pesquisa?*

Metodologicamente, este artigo foi elaborado tendo como referenciais teóricos a hermenêutica, a tradição expressivista da linguagem e a dialética.

Sob a vertente hermenêutica, tenho como pressuposto a tese de Hannah Arendt, para a qual a condição humana “não é o mesmo que natureza humana”. Esta, portanto, não possui uma *natureza* ou *essência* que possa ser definida *a priori*, por esta razão, “a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana”¹.

Sob a visão expressivista, acato a tese de Charles Taylor, para quem o conhecimento não pode ser compreendido “sem recorrer à nossa compreensão nunca-plenamente-articulável da vida e da experiência humana.”². Para a tradição expressivista da linguagem, esta “não parece ser primariamente tal como um instrumento segundo o qual ordenamos os pensamentos em nosso mundo, mas tal que nos permita ter o mundo que nós temos.” Por isso mesmo, “a linguagem torna possível o desvelamento do mundo humano.”³

Sob o terceiro, subscrevo a tese de Lima Vaz, também partilhada por Cirne Lima, para os quais “a acepção fundamental da dialética como *método* diz respeito a um caminho (*métodos*) do *logos* através de oposições que se apresentam tanto na ordem *real* quanto na ordem *nocional* e que o *logos* integra numa unidade superior.”⁴; por conseguinte, o “procedimento dialético não é um procedimento *formal* no qual uma lógica é aplicada a um conteúdo que lhe é exterior. Ele traduz a lógica *intrínseca* do conteúdo, o dinamismo da sua própria inteligibilidade”⁵.

Sob essas perspectivas teórico-metodológicas, seria plausível afirmar que o processo da pesquisa resulta num ato indispensável à compreensão e constituição da condição humana, não um ato formal de exigência acadêmica somente, pois sociedade, grupos sociais e indivíduos se deparam constantemente com *problemas* que exigem respostas. Conforme Gerd Theissen afirmou,

O ser humano não pode existir em seu entorno tal como o encontra; tem que modificá-lo. O faz, de um lado, mediante o trabalho e a técnica e, de outro, mediante a interpretação. A interpretação do mundo se efetua mediante sistemas hermenêuticos: na vida cotidiana, mediante o “common sense”; nas áreas especializadas da vida, mediante a ciência, a arte e a religião. Mediante o

¹ Arendt, Hannah, *The human condition*, 1998, pp. 9-10.

² Taylor, Charles, *Philosophical arguments*, 1985, p. vii-viii.

³ Id., *ibid.*, p. ix.

⁴ Lima Vaz, Cláudio Henrique, *Raízes da modernidade*, 2002, p. 158.

⁵ Id. *Ibid.*, p. 158.

trabalho e a interpretação, o ser humano faz do mundo uma pátria habitável. A transformação do mundo mediante a interpretação não se produz por intervenções causais na natureza, como o fazem o trabalho e a técnica, senão por “signos”, quer dizer, mediante elementos naturais que geram, como signos, relações semióticas com o “designado”. Tais signos e sistemas de signos não modificam a realidade designada, senão nossa conduta cognitiva, emocional e pragmática com ela: dirigem a atenção, organiza as impressões em contextos e as juntam às ações. Somente podemos viver e respirar no mundo assim interpretado.⁶

Em outras palavras, para o gênero humano, o conhecimento acerca do mundo não é algo dado, estático, acabado, mas um processo histórico tecido *conjuntamente* e, por esse motivo, a compreensão do mundo resulta da paciente construção do espírito por meio do conceito, ou seja, “o espírito consciente-de-si na sua formação cultural” (Hegel, 2007, p. 41). No *Prefácio* à ‘Fenomenologia do Espírito’, Hegel afirmou que “a razão é o agir de acordo com um fim”⁷. Este, no entanto, não é o imediato, mas o conceito pacientemente constituído. Por sua vez, a compreensão do domínio do conceito pode ser prejudicada pela impaciência, pela precipitação da “conquista do fim sem o meio”⁸. Exatamente para evitar essa “conquista do fim sem o meio”, é que Hegel é enfático ao prescrever que o caminho da razão possui duas dimensões imbricadas:

De um lado, deve-se suportar a longa extensão desse caminho, pois cada um dos momentos é necessário. De outro lado, é preciso demorar-se em cada um dos momentos, pois cada um é uma figura individual total, e somente será considerado absolutamente na medida em que for considerada sua determinidade como todo ou concreto, ou o todo for considerado na particularidade desta determinação⁹.

Na ‘Fenomenologia do Espírito’, Hegel enceta uma crítica contundente e, simultaneamente, procura compreender os princípios e os limites que norteiam o projeto da Modernidade. Caudatária dessa tradição, situa-se a reflexão merleau-pontyana: “compreender aquilo que em nós e nos outros excede a razão”¹⁰.

⁶ Theissen, Gerd, *La religión de los primeros cristianos*, 2002, p. 16.

⁷ Hegel, 1989, p. 18.

⁸ *Ibid.*, p. 22.

⁹ *Ibid.*, p. 22.

¹⁰ Merleau-Ponty, 1975, p. 393.

Prima facie, essa afirmação, parece, desqualifica a razão. Por conseguinte, a filosofia do filósofo de [Rochefort-sur-Mer](#) é irracionalista. Não, absolutamente não! Ao contrário, Merleau-Ponty, herdeiro da tradição hegeliana, supõe que “*a razão é o agir de acordo com um fim*”. Isso não significa, porém, a [aquiescência](#) ingênua ao racionalismo e ao formalismo epistemológico oriundos da tradição cartesiana. Em outras palavras: a razão moderna passa a ser a fonte e o critério constitutivo da verdade, elevando-se atomisticamente em relação ao mundo e o submetendo aos critérios por ela estabelecidos. Essa mudança pode ser percebida na seguinte afirmação feita por Descartes: “Ainda que nosso espírito não seja a medida nem das coisas, nem da verdade, ele deve seguramente ser a medida do que afirmamos ou negamos.”¹¹ Sob esse aspecto, é possível sustentar que o fundamento da verdade passa a ser da ordem do subjetivo. Este torna-se o critério oriundo da certeza posta pelo agente racional desprendido que determina, sob o prisma do método que exige certeza, o que é ou não verdade. É por esse motivo que Heidegger afirma que a “[...] era, que se determina a partir deste acontecimento, não é nova apenas numa consideração retrospectiva relativamente ao já passado, mas é ela que se coloca a si mesma propriamente como nova. Ser novo faz parte do mundo que se tornou imagem.”¹²

O mundo assim compreendido torna-se multividência. Mais especificamente, torna-se imagem projetada sobre o mundo. Este, pois, passa a ser mediatizado pela imagem do mundo. Daí por que podemos falar de mundo sem mistério: se o mundo é imagem e esta é instituída pela razão que, como afirmou Kant, “não compreende senão aquilo que ela mesma produz segundo um projeto seu”¹³, o mistério do mundo permanece como interdição da coisa em si, inacessível à razão. Exatamente aqui, neste ponto específico, embora Kant permaneça na esfera da representação, sua teoria aponta, novamente, para o mistério do mundo: o sujeito transcendental tem um limite na aporia da coisa em si. Schelling, Hegel, Hölderlin, Herder, Fichte etc., perceberam claramente essa aporia da razão. Se, como foi dito no início, a razão é o agir de acordo com um fim, ela *deve* (no sentido bem kantiano) ampliar seus limites, não mais como metafísica, como projeção de uma imagem sobre o mundo, mas procurar, no conceito, dar conta desse limite. Obviamente que não podemos retroceder nem a Descartes nem a Kant, nem descartar a filosofia transcendental, mas aprofundar na aporia apontada por Kant quanto a interdição da coisa-em-si. Se esta é o limite da razão, a razão mesma emerge tão somente quando defrontada com a coisa-em-si. Por conseguinte, a razão somente pode ser compreendida enquanto razão quando suportada por esse *abgrund* interdito que é o mundo mesmo em sua efetividade concreta. Não é difícil perceber aqui uma fresta

¹¹ Descartes, 1952, p. 1317.

¹² Heidegger, 2002, p. 115.

¹³ Kant, 2005, p. 26. (CRP, b xiii)

que aponta para a anterioridade do mundo vivido sobre o mundo da representação. O imbróglio todo está por ser resolvido por questão bastante específica: como e o que pode conciliar o mundo vivido e o mundo da representação? Não esqueçam que não podemos retroceder ao caminho iniciado por Descartes e levado às últimas consequências por Kant. As respostas, desde os idealistas citados, passando por Brentano, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre, Lévinas etc, são muitas, mas impossíveis de serem aqui apresentadas.

Fiquemos, “apenas”, com Merleau-Ponty e, diga-se de passagem, *muy prestos*.

Numa palestra radiofonada em 1948 para o “Programa Definitivo”, da Rádio Difusão francesa, Merleau-Ponty inicia a primeira de suas oito preleções com a seguinte observação: “O mundo da percepção, isto é, aquele que nos é revelado pelos nossos sentidos e pelo uso da vida, parece, à primeira vista, o que nos é mais bem conhecido, porque não são necessários instrumentos nem cálculos para a ele ter acesso; porque nos basta, aparentemente, abrir os olhos e deixar-nos viver para nele penetrarmos. Contudo, tal não passa de uma falsa aparência.”¹⁴ Assim, “[...] redescobrir o mundo onde vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”¹⁵ não é tarefa fácil, pois “De que serviria aqui consultar nossos sentidos, de nos determos naquilo que a nossa percepção nos ensina acerca das cores, dos reflexos e das coisas que os suportam” se não passam de engano, aparências apenas, “e que só o saber metódico do sábio, as suas medidas, as suas experiências nos podem fazer sair das ilusões onde vivem nossos sentidos e fazer-nos aceder à verdadeira natureza das coisas?”¹⁶

O “mundo verdadeiro”, continua Merleau-Ponty, “não são estas luzes, estas cores, este espetáculo de carne que os meus olhos me proporcionam, são as ondas e os corpúsculos de que a ciência me fala e que descobre por detrás dos fantasmas sensíveis”¹⁷. Essa hegemonia do procedimento metodológico formal de representação levou, gradativamente, a uma desqualificação do mundo vivido: “[...] é um traço não só dos filósofos franceses, mas ainda do que, um tanto vagamente, se chama o espírito francês, reconhecer à ciência e aos conhecimentos científicos um valor tal que toda a nossa experiência vivida do mundo se encontra, de uma penada, desvalorizada.”¹⁸

¹⁴ Merleau-Ponty, 2003, p. 21.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 21.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 22.

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 22.

¹⁸ Merleau-Ponty, 2003, p. 21.

Entretanto, há um fio solto em toda essa história: se o percebido é apenas um espectro da realidade, e esta somente pode ser acessada pela desqualificação do mundo vivido, como, ao provar uma limonada, a sinto qualitativamente e consigo distingui-la de outros sucos? Afinal de contas, a realidade da limonada, sob a ótica das ciências¹⁹, não passa de uma ilusão dos meus sentidos. Mas, ao degustá-la, a sinto em sua unidade qualitativa, pressinto que a “[...] unidade da coisa não está atrás de cada uma das suas qualidades”, antes, “[...] por cada uma delas é reafirmada, cada uma delas é a coisa inteira”²⁰. Merleau-Ponty recorre a Sartre para exemplificar o sentido da qualidade. Se foi o caso, permitam-me expor o exemplo:

[...] le citron est éntedu tout à travers ses qualités et chacune de sés qualités est éntendue tout à travers chacune des autres. C’est l’acidité du citron que est jaune, c’est le jaune du citron que est acide; on mange la couleur d’un gateau et le gout de ce gateau est l’instrument que dévoile sa forme et sa couler à ce que nous appellerons l’intuition alimentaire”²¹ (o limão é todo entendido através de suas qualidades e cada uma delas é toda entendida através de cada uma das outras. É a acidez do limão que é amarela, é o amarelo do limão que é ácido; come-se a cor de um bolo e o gosto deste bolo é o instrumento que desvela sua forma e sua cor ao que nos chamaremos intuição alimentar).

Por conseguinte, as coisas no mundo vivido não estão postadas “[...] diante de nós simples *objets* neutros, que contemplaríamos; cada uma delas simboliza para nós uma certa conduta, lembra-no-la, provoca em nós reações favoráveis ou desfavoráveis; é por isso que os gostos de um homem, o seu caráter, a atitude que tomou a respeito do mundo e do ser exterior, se lêem nos objetos com que escolheu rodear-se, nas cores que prefere, nos lugares de passeio que escolhe.”²²

Para Merleau-Ponty, é a percepção que possibilita essa junção que me permite degustar a qualidade do mundo vivido, por esse motivo a “[...] coisa e o mundo me são dados com as partes de meu corpo não por uma ‘geometria natural’, mas em uma conexão viva comparável, ou antes idêntica à que existe entre as partes de meu próprio corpo”²³. Consequentemente, a essência de todos os elementos encontra-se “menos nas suas propriedades observáveis do que naquilo que nos dizem”²⁴. Logo, “[...] o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito *com* um corpo, e que

¹⁹ Quando falamos de ciência, deve-se ter em mente o caráter metodológico formal que embasa a mesma. Não é uma crítica ingênua, uma espécie de ludismo, que temos em vista aqui.

²⁰ Id. Ibid., 2003, p. 35.

²¹ Sartre, 2005, pp. 222-223.

²² Merleau-Ponty, 2003, p. 35.

²³ Id., 2006a, p. 276.

²⁴ Id., ibid., 2003, p. 36.

só acede à verdade das coisas porque o seu corpo está como que nelas implantado”²⁵.

A percepção não é um objeto dentre outros constituído pela experiência do agente racional, mas o fundo sem o qual os problemas da razão não podem ser articulados; é o fundo sobre o qual estão imbricados simultaneamente sujeito e objeto. Ouçamos, atentamente, ao legado merleau-pontyano na Fenomenologia da Percepção:

A percepção não é uma ciência do mundo, sequer um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.²⁶

Por isso, o “[...] mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”²⁷. Por conta desse fundo, Merleau-Ponty é taxativo ao afirmar:

Je ne suis pas le résultat ou l’entrecroisement des multiples causalités qui déterminent mon corps ou mon ‘psychisme’, je ne suis pas me penser comme une partie du monde, comme le simple objet de la biologie, de la psychologie et de la sociologie, ni fermer sur moi l’univers de la science. Tout ce que je sais du monde, même par science, je lê sais à partir d’une expérience du monde sans laquelle les symboles de la science ne voudraient rien dire.²⁸

Para que a razão leve a bom termo o seu percurso, é necessária uma cirurgia oftálmica para retirar a catarata que impede à *Aufklärung* enxergar bem. Somente assim poderíamos “[...] redescobrir o mundo onde vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”²⁹. Afinal das contas, a razão não é ontologicamente antes do mundo. Ao contrário, a razão emerge do mundo e neste está radicada. O “verdadeiro cogito”, afirma Merleau-Ponty, “não define a existência do sujeito pelo pensamento que ele tem de existir”, como, igualmente, “não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo, e enfim não substitui o próprio mundo pela significação do mundo”³⁰. O mundo assim repostado, abre-se novamente para o mistério. Afinal, como afirmou nosso filósofo, o mundo é “inépuisable”³¹. Portanto,

²⁵ Merleau-Ponty, 2006b, p. 32.

²⁶ Id., 2006a, p. 6; 1945, p. v.

²⁷ Id., 2006a, p. 14.

²⁸ Merleau-Ponty, 1945, p. ii.

²⁹ Id., *ibid*, p. 21.

³⁰ Merleau-Ponty, 1945, p. viii.

³¹ Merleau-Ponty, 1945, p. xii.

respondendo à pergunta se “a ciência oferece ou oferecerá uma representação do mundo que seja completa, que se baste a si mesma, que de algum modo se feche sobre si própria de tal maneira que, além dela, já não tenhamos nenhuma questão válida a levantar”?³², sinto-me obrigado, junto com Merleau-Ponty, responder com um solene “não”.

Portanto, donde, pois, a crítica de Merleau-Ponty ao racionalismo? Para começo de conversa, proponho uma chave de leitura: “pensar abstratamente”. Este é o ponto a partir do qual abordo as reflexões merleaupontyanas. A chave provém de um pequeno, irônico e mordaz artigo escrito por Hegel, *Wer denkt abstrakt?*, cuja datação os críticos situam entre 1807 e 1808. Nele, encontramos elementos relevantes para compreender as críticas ao formalismo epistemológico e à forma da articulação presentes na ‘Fenomenologia do Espírito’. *Quem pensa abstratamente?* Quem toma a forma pelo conteúdo. Noutras palavras, quem toma por realidade a representação mental. Pensa abstratamente o senso comum cuja crença ora afirma a primazia do sujeito do conhecimento, ora a primazia do objeto – como duas instâncias irreduzíveis entre si.

Por consequência, procurar compreender o processo do espírito pelo conceito requer considerável esforço e paciência, porquanto o “singular deve também percorrer os degraus de formação cultural do espírito universal, conforme seu conteúdo” (ibid.). Ainda em conformidade com Hegel (ibid., p. 42):

A meta final desse movimento [de formação cultural] é a intuição espiritual do que é o saber. A impaciência exige o impossível, ou seja, a obtenção do fim sem os meios. De um lado, há que suportar as *longas distâncias* desse caminho, porque cada momento é necessário. De outro lado, há que *demorar-se* em cada momento, pois cada um deles é uma figura individual completa, e assim cada momento só é considerado absolutamente enquanto sua determinidade for vista como todo ou concreto, ou o todo na peculiaridade dessa determinação.

2. Entre Pesca e Pesquisa: *Que é Pesquisa?*

Pelos argumentos metodológicos elencados acima podemos observar que o processo da pesquisa relaciona-se a um organismo, algo vivo, não abstrato, histórico e que resulta num ato indispensável à compreensão e constituição da condição humana. É baseado nisto que o título deste artigo procura indicar que não há conceito unívoco

³² Id., 2003, p. 23.

relacionado à pesquisa: não existe *a* pesquisa, mas pesquisas, pois se fosse possível circunscrevê-la, não haveria mais, a partir desse fato, possibilidade de pesquisa, porque a história estaria definida, circunscrita, definitivamente encerrada. Entretanto, porque a condição humana, historicamente situada, impõe problemas contínuos, são necessárias pesquisas contínuas. Portanto, a pesquisa³³ está indissolúvelmente radicada na tessitura e compreensão histórica do gênero humano, seja sob o ponto de vista social, político, cultural, epistemológico, artístico etc., quanto aos problemas oriundos da subsistência biológica humana.

Procurando pela origem da palavra *pesquisa*, deparei-me com um fato intrigante: origina-se do espanhol, e não diretamente do latim *perquisita*. Dela derivam duas palavras, tanto no léxico espanhol quanto no português: *pesquisa* e *pesca*. Além de *pesquis*: perspicácia, no sentido de inteligência e da capacidade de discernimento própria ao gênero humano. Por conseguinte, *pesquisa* é o processo imanente ao ato de perquirir, indagar, buscar, pescar, capturar, apreender, apanhar algo e discernimento quanto ao objeto a ser capturado.

Enquanto verbo, *pesquisar* é uma ação *mediada* pelo discernimento, um saber-fazer. Pescador ou pesquisador, ambos procuram *pescar* objetos determinados, com equipamentos e conhecimentos específicos. Pescar e pesquisar implicam em fenômenos resultantes da ação e da condição humana; daí o sentido da pergunta: *que é pesquisa?* Nesse aspecto, tanto a *pesca* quanto a *pesquisa* procedem de uma arte determinada, específica. Quem *pesca*, pescador; quem *pesquisa*, pesquisador: ambos realizam uma ação, um lançar-se em direção a, objetivando algo: o pescador, peixes; o pesquisador, respostas ao problema suscitado. Noutras palavras: para uma *pesquisa* ser efetivada são necessários um pesquisador e um *problema*, um tema a ser pesquisado, e os procedimentos teórico-metodológicos necessários para responder ao problema.

A pergunta, *que é?*, resulta, muito esquematicamente, numa tripla dimensão:

- (i) um pesquisador;
- (ii) um problema que solicita uma resposta;
- (iii) uma resposta ao problema.

Portanto, o processo em *pesquisa* implica um agente, um objeto e os meios necessários para realizá-lo, embora esta ordem não esteja numa relação hierárquico-vertical, posto que não existe pesquisador sem problema de *pesquisa* nem este sem

³³ Quando utilizarmos *a pesquisa*, queremos com isso nos referir ao fenômeno, ao conceito formal, não ao conteúdo e determinações ulteriores da mesma nas áreas específicas dos saberes.

aquele, porquanto no processo está implicada a precedência lógica do objeto sobre a tessitura da pesquisa.

Além disso, recorrendo à dubiedade semântica da palavra, podemos inferir: um pescador que, no ato de pescar, pesca um pescado, utilizou determinados procedimentos e instrumentos metodológicos necessários – barco, anzóis, linhas, molinetes, tarrafas, redes, iscas etc. – à pesca, ou seja, sua ação procedeu de um consciente discernimento operacional. O pescado é, portanto, o resultado de uma arte, a pescaria. Pescador é quem exerce um ofício com instrumentais necessários, domina a prática de um conhecimento específico: ele sabe, conhece as regras e métodos próprios à arte da pescaria. Esta, além dos instrumentos específicos, requer um *campo* específico de operacionalização, resultado do discernimento, dado que a pesca ocorre em lugares distintos: córregos, riachos, mangues, rios, mares, oceanos etc., e cada *campo* requer instrumentos e pescadores específicos, embora sob o aspecto formal, o objetivo da pesca seja o mesmo. Pescaria é, pois, um conceito geral sob o qual se agrupam meios distintos ao exercício da arte de pescar.

Quanto à especificidade técnico-metodológica: ao sair para pescar, devemos pressupor que o pescador tem objetivos muito claros, pois se ele se dispersa no trabalho por não possuir discernimento, ciência e equipamentos adequados, seu tempo, trabalho e forças dispensadas resultariam em nada, e este não é um produto muito bom para ser negociado no mercado de peixes ou manter a vida sob o aspecto da subsistência biológica. Igualmente a pesquisa: um conceito formal sob o qual estão abrigadas incontáveis determinações ulteriores. Por consequência, a efetivação do processo de pesquisa requer treinamento, paciência e aquisição de habilidades e conhecimentos metodológicos específicos. Em outros termos, antes de se iniciar uma pesquisa é indispensável saber qual é o *meu* problema e em qual *campo* tenho as condições necessárias à consecução da pesquisa, pois é de um campo específico que o *meu* problema emerge. Portanto, o desenvolvimento de uma pesquisa requer critérios e saberes determinados: tantos quantos os campos tantos quantos os saberes de pesquisa – é a partir de um campo específico, de questões específicas que os problemas emergem e dimensionam o *tipo* de pesquisador. Por exemplo: quero pescar um *marlin*. Onde posso encontrá-lo? No oceano. Que tipo de peixe é? Arisco, solitário, feroz e altivo. Qual equipamento? Com certeza não posso pescá-lo tendo uma minhoca como isca, nem com um molinete pequeno, anzol frágil, vara de bambu e um barquinho. Esses equipamentos servem para pescar *piabas* na represa da chácara do meu avô, mas não para a captura de um *marlin*. É o *problema* que estabelece e dimensiona o conhecimento, os materiais e habilidades exigidas à execução de uma pesquisa; por conseguinte, o tipo de pesquisador. Se, sob o critério do discernimento, tenho consciência que não disponho dos equipamentos necessários, não moro nas proximidades de um oceano e não tenho habilidades e

instrumentos necessárias, o sonho de pescar um *marlin* é infrutífero e não pode, pelas circunstâncias, ser efetivado. Contudo, não por isso preciso deixar de gostar da pesca; apenas posso não ter, agora, as condições necessárias para pescar um *marlin*.

Na pesquisa, o procedimento é semelhante. Primeiro, pelo discernimento, e este nunca é da ordem do indivíduo singular, devo avaliar se o *meu* problema está bem definido num ponto de conhecimento específico e se tenho condições de respondê-lo: pode ser que não, que não seja o momento, que não disponho, ainda, do conhecimento, instrumental e metodologias específicas. Portanto, o *meu* objeto de pesquisa, o *meu* problema, deve estar adequado aos *meus* conhecimentos teóricos e metodológicos atuais. Recapitulando: antes de sair para pescar devo avaliar as condições efetivas para pescar o peixe visado, sob todos os pontos de vista: conhecimentos, habilidades e instrumentais.

Permitam-me expor um exemplo prático. Gostaria de trabalhar, na educação, com o tema “arte e crianças”. Primeiro: em qual das manifestações artística? Tenho noções suficientes sobre estética e arte? Se por arte estou pressupondo a literatura, sei distinguir e reconhecer os gêneros literários? O que é um conto? O que é uma fábula? O que é um romance? Sei distinguir concepções de gêneros no teatro? O que é teatro épico? O que é uma tragédia? O que é comédia? Segundo: conheço, a partir de determinado campo teórico-metodológico, as etapas do desenvolvimento psicológico do ser humano? Tenho consciência das condições sociais das crianças com as quais pretendo trabalhar e o que implicam essas condições no condicionamento delas? Cada problema suscitado resulta em especificidades e em conseqüências práticas imediatas sobre o ponto de partida para o desenvolvimento de uma pesquisa. Se não consigo dimensionar um ponto de partida bem fundamentado, o projeto pode, *a priori*, redundar em fracasso pelo simples fato de não ter dimensionado adequadamente o meu objeto, nem o discernimento teórico-metodológico necessário.

Um projeto de pesquisa bem elaborado deve ser constituído a partir de um problema bem definido, isto é, o tema deve emergir de um campo de conhecimento no qual tenho suficiente domínio. Se, ao emergir um problema e avaliá-lo, percebo que ainda não disponho de instrumentais suficientes, seria prudente repensá-lo, redefini-lo melhor. Portanto, uma pesquisa é um pequeno ponto num campo específico de um saber específico, com um problema bem delimitado, pois não há pesquisa sem problema, como não há problema que não se manifesta senão a partir de um campo específico, embora, no ato mesmo da pesquisa, o problema inicial assuma feições cada vez mais complexas, pois um campo está interligado a outros e esse fato exige um aprofundamento em outros, como numa teia de aranha: uma presa apanhada

num ponto da teia a movimenta toda. O conhecimento humano, porque conceito, vai sendo estabelecido e compreendido num processo relacional dialético: nenhum problema emerge sem uma relação com outros problemas.

3. *Por Que Pesquisa? O Saber Das Coisas E O Saber De Si.*

Santo Tomás de Aquino, no *Ente e a essência*, afirmou que “devemos receber o conhecimento do simples a partir do composto e chegar ao anterior a partir do posterior”³⁴. Todo conhecimento começa pelo múltiplo indeterminado e segue um caminho ascendente até a unidade do conceito que confere sentido à multiplicidade, que articula o universal e o singular. Essa característica ínsita ao conhecimento foi magistralmente apresentada por Platão, no diálogo *Teeteto*:

Sócrates: os olhos são aquilo com que vemos ou por meio de que vemos, e os ouvidos são aquilo com que ouvimos ou por meio do que ouvimos?

Teeteto: Por meio de que nos apercebemos de cada coisa, mais do que com eles, é o que me parece, Sócrates.

Sócrates: Seria bem terrível, meu rapaz, se as diversas percepções estivessem instaladas em nós, como em cavalos de madeira, se tudo isso não convergisse para uma forma única [idéia], quer se lhe chame alma, quer como haja de se chamar, pela qual, por meio dos sentidos, que são como instrumentos, experimentamos as percepções de tudo o que apercebemos.³⁵

O caminho do conhecimento parte da multiplicidade indeterminada à unidade do conceito, a partir do qual o múltiplo é *ressignificado*: o caminho ascendente é a busca da unidade de compreensão do múltiplo articulado no conceito.

No processo inverso, o percurso do caminho descendente, do significante ao *ressignificado*, a visão da multiplicidade explicada³⁶ a partir do conceito torna-se

³⁴ Aquino, Santo Tomás, *O ente e a essência*, 2005, p. 13.

³⁵ Platão, *Teeteto*, 2005, p. 266.

³⁶ Cirne-Lima expôs magistralmente o conceito de explicar: “*Plica* em latim significa dobra. *Explicare* significa des-dobrar, ou seja, abrir as dobras. Explicação, isto é, explicar uma coisa, significa reproduzir discursivamente, na mente e no discurso, o desdobraimento de uma determinada coisa.” (2002, p.82).

outra, uma *revisão* pela teoria, não porque as coisas, a multiplicidade que compõe o mundo sejam outras, mas porque o olhar sobre as mesmas já não é o mesmo como antes do processo ascensional. A posição mesma do olhar – usando uma antiga e venerável metáfora – modifica-se no processo dialético pela busca pelos princípios que explicam a multiplicidade. Por esse motivo, Platão foi categórico ao afirmar que

O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que esta atolada e eleva-os às alturas.³⁷

Portanto, quando o *meu* olhar é arrastado do “lodo bárbaro” no qual está atolado para as alturas, a *minha* posição em relação ao múltiplo é *transformada*: na busca pelo conhecimento há, ao mesmo tempo, uma *reorientação* do meu olhar sobre as coisas. Como resultado desse processo dialético, temos, pois, o conceito que, de acordo com Hegel,

[...] contém os momentos da *universalidade*, enquanto livre igualdade consigo mesma em sua determinidade; da *particularidade*, da determinidade em que permanece o universal inalteradamente igual a si mesmo; e da *singularidade*, enquanto reflexão-sobre-si das determinidades da universalidade e da particularidade; a qual unidade negativa consigo é o *determinado em si e para si*, e ao mesmo tempo o idêntico consigo ou o universal.³⁸

Por isso mesmo, o conhecimento e compreensão humanos é também dialético, conforme explica Marcelo Perine:

Compreender significa, literalmente, *tomar com, prender junto*. Compreender filosoficamente, desde o tempo de Platão, é um procedimento dialético que consiste, por um lado, em conduzir a pluralidade a uma única idéia, captando numa visão sinótica a diversidade das coisas dispersas, em vista de esclarecer cada uma delas por meio de uma definição, e, por outro lado, em saber dividir

³⁷ Platão, *A República*, 1993, p. 349.

³⁸ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, *Enciclopédia das ciências filosóficas*, 1995, p. 153.

segundo as idéias, com base nas suas articulações naturais, evitando, porém, mutilar qualquer dos elementos primitivos.³⁹

Neste sentido, é plausível sustentar que o conhecimento é um percurso dialético que é, *pari passu*, determinação-ulterior (*Forbestimmung*) e determinação-regressiva (*Rückbestimmung*), um jogo de inteligibilidade do mundo enquanto dialética do múltiplo e do uno, do finito e do infinito, do indeterminado e do determinado. É a ascensão do múltiplo indeterminado, para o uno (conceito, teoria, determinidade, universal) e deste para o múltiplo, num processo contínuo de determinação ulterior e regressiva de inteligibilidade, que o conhecimento humano vai sendo constituído. Em outras palavras: a maneira como nos posicionamos no e em relação ao mundo é transformada *no* processo perquiritório do conhecimento.

Caberia ressaltar, aqui, o perigo das leituras oriundas do *necessitarismo lógico* sobre esse processo, sobretudo quando se tem como horizonte *teleológico* um critério de verdade que implica determinada concepção do conhecimento. É sempre saudável recordar, como o fez Lima Vaz que “não é a verdade que é histórica mas a história que é verdadeira”⁴⁰. Em síntese, toda determinação do conceito deve implicar o reconhecimento de que produzimos historicamente o mundo, e que a ação neste mundo não possui uma teleologia ínsita, determinante. Somos nós, enquanto gênero humano, que produzimos a história.

Portanto, a pergunta pelo sentido do mundo é um problema que concerne ao gênero humano, um problema da condição humana do conhecimento acerca do conhecimento e, por isso, necessariamente histórico e contingente.

Tomemos alguns exemplos oriundos de algumas mudanças conceituais ocorridas nas ciências, especificamente na Astronomia moderna em relação à antiga. Provavelmente, o céu que *vemos* hoje é o mesmo visto pelos povos da Antigüidade, embora a maneira *moderna* de olhar o céu tenha mudado consideravelmente; por conseqüência, a nossa visão do céu é a mesma, embora não a compreensão do mesmo. Acreditamos que o planeta Terra, esférico-ovalado⁴¹ continua tendo a mesma forma, embora inúmeras culturas antigas a considerassem plana; por conseqüência, é e não é a mesma Terra. O ciclo do sol continua o mesmo, embora *saibamos*, atualmente, que não é o sol que gravita ao redor da terra, mas o contrário:

³⁹ Perine, Marcelo, *Violência e niilismo: o segredo e a tarefa da filosofia*, 2002, p. 110.

⁴⁰ Lima Vaz, Cláudio Henrique, *Por que ler Hegel hoje?*, 1996, p. 226.

⁴¹ Na verdade nosso planeta não é ovalado, mas achatado – tipo, deus fez a bolota e deu um “tapa-telefone”, por pouco não saia um modelo de abóbora *halloween!*

o sentido da percepção mudou. Certamente a gravidade existia nos tempos antigos, mas eram outras as explicações conferidas aos fenômenos físicos; conseqüentemente, os fenômenos, embora continuem sendo vistos por olhos humanos, são e não são vistos da mesma forma.

Da experiência do múltiplo indeterminado à unidade do conceito e deste ao múltiplo, há, no percurso, uma mudança substancial na perspectiva do olhar para coisas sempre olhadas. Essa mudança, operada pelo conhecimento, afeta, indelevelmente, a *minha posição* no mundo: vejo o que não via antes e esta nova visão não é a mesma visão anterior. Por isso, Sartre afirmou, corretamente, que

[...] o homem não é jamais um indivíduo; seria melhor chamá-lo um *universal singular*: totalizado e, por isso mesmo, universalizado por sua época, ele a retotaliza reproduzindo-se nela como singularidade. Universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante de seus projetos, ele reclama ser estudado simultaneamente pelas duas pontas.⁴²

Embora não seja fácil no início, o ato de pesquisar pode, aos poucos, tornar-se um processo prazeroso, na medida em que os limites do *meu* mundo são ampliados. Observem que, ao longo do texto, destaquei o pronome *meu*, procurando com isso indicar um fato: *minha* compreensão acerca do mundo não é um ato estritamente pessoal. Foi Immanuel Kant quem, admirado, fez a seguinte observação: “Qual seria todavia o campo e a retidão de nosso pensamento se não pensamos por assim dizer em comunidade com outros, conforme uma comunicação recíproca de nossos pensamentos!”⁴³ Por isso, a *minha* compreensão acerca do mundo é um processo dialético que emerge de um pano de fundo comum (background), conforme expresso por Charles Taylor:

A compreensão advinda de um pano de fundo, que é por nós partilhada, e que está entrelaçada com nossas práticas e maneira de estabelecer relações, não é necessariamente algo que partilhamos como indivíduos. Isto é, ela pode ser parte de uma compreensão desse gênero de uma certa prática ou significado que não são meus porém nossos; e pode de fato ser ‘nossa’ de várias maneiras: como algo intensamente partilhado, que serve de coesão à

⁴² Sartre, Jean-Paul, *L'idiote de la famille*, Vol. 1, 1972, pp. 7-8.

⁴³ Kant, IMMANUEL, *Oeuvres philosophiques*, Vol. 2, 1985, p. 542.

comunidade; ou algo bem impessoal, em que apenas agimos como ‘todo mundo. Fazer aflorar o pano de fundo nos permite articular os modos pelos quais nossa força de adesão é não-monológica, uma forma em que a sede de certas práticas e compreensões é precisamente *não* o indivíduo, mas um dos espaços comuns intermediários.⁴⁴

Sob essa perspectiva, o processo da pesquisa implica numa ampliação dos horizontes do *eu* acerca do mundo, porque paulatinamente um pesquisador consegue vislumbrar e fazer determinadas ligações de fatos e eventos que antes não conseguia sequer perceber, ou seja, o problema inicial leva a outros, sucessivamente, num processo contínuo de contínuas revisões acerca do ponto de partida. Por esses motivos sustentei a tese que o conhecimento é um percurso dialético que é, *pari passu*, determinação-ulterior e determinação-regressiva.

Como exemplo, convoco o testemunho de um renomado filósofo e historiador irlandês, Peter Brown, nascido em 1935, que escreveu uma obra que se tornou referência para os estudos sobre Santo Agostinho, apresentada como tese de doutorado e publicada em 1967. O autor tinha, à época, 32 anos incompletos quando da publicação de sua tese. Em 1999, exatos 32 anos após a primeira edição, o livro foi reeditado. O autor, ao contrário do que muitos esperavam, não modificou o conteúdo do livro, acrescentando-lhe “apenas” um epílogo dividido em dois capítulos, e um novo prefácio, conservando integralmente o conteúdo da obra inicial.

No prefácio acrescido à nova edição, ele esclarece a opção tomada pela manutenção da obra a partir das perspectivas distintas sobre a pesquisa realizada, ou seja, pela maneira como elaborou seu problema, *reavaliado*, agora, como um problema específico no seu percurso de aprendizagem. Ouçamos, atentamente, o testemunho de Peter Brown:

Resolvi não tentar incorporar nenhuma mudança ao texto original da biografia. Fazê-lo teria sido complicado e, além disso, pretensioso. A biografia nunca pretendeu ser um estudo abrangente de Agostinho, válido para todas as épocas e, por conseguinte, exigindo ser atualizado, como se fosse um manual científico. Trata-se de um livro escrito, em determinada época, por um rapaz num momento

⁴⁴ Taylor, Charles, *Philosophical arguments*, 1985, pp. 76-77.

particular de seus estudos. Ao anexar um Epílogo a um texto redigido na década de 1960, pretendi como que esbarrar naquele rapaz – um rapaz com metade da minha idade –, como se topasse com ele inesperadamente, ao virar uma esquina. Creio que ele ficaria emocionado ao me encontrar e ao saber quantas outras coisas foram descobertas. Alguns incidentes da vida de Agostinho, sobre os quais ele nada sabia, estão agora claramente documentados. Os estudos modernos sobre temas que o jovem tinha enorme interesse existem hoje numa abundância com que ele não se atreveria a sonhar. Abriram-se perspectivas inteiramente novas sobre o estudo de Agostinho, as quais complementam ou corrigem o que ele escrevera inicialmente.⁴⁵

Eis um encontro inusitado, alguém reencontrando consigo mesmo depois de um percurso de mais de três décadas de labor intelectual! Entre a tese do jovem Brown e o experiente e respeitado pesquisador internacional há um lapso de tempo considerável, permeado por pesquisas e aprofundamentos teóricos contínuos. Não há dúvida que são pessoas com posições e perspectivas quantitativas e qualitativas distintas. Três décadas de pesquisas ininterruptas impõem uma significativa distância quantitativa e qualitativa numa dada biografia. São milhares de dias debruçando-se sobre as mesmas questões, ampliando seus limites e percepções sobre o *problema* inicial.

Pelo respeito ao jovem pesquisador Brown, o experiente Brown manteve inalterada a obra, pois modificá-la seria impossível, simplesmente porque o amadurecimento do *problema inicial* foi submetido ao escrutínio contínuo da pesquisa, e os resultados, obviamente, seriam distintos em vários aspectos, tanto na forma quanto no conteúdo.

Portanto, um pesquisador que vai aos poucos aprofundando suas habilidades a partir de um determinado campo do saber, amplia paulatinamente sua perspectiva inicial. Por este motivo, a pesquisa é uma arte que requer uma prática ininterrupta. Bons pesquisadores não são, somente, aqueles que versam sobre muitos temas, mas, antes de tudo, aqueles que se exercitam na arte da pesquisa, mesmo que permaneçam investigando o mesmo problema.

⁴⁵ Brown, Peter, *Santo Agostinho: uma biografia*, 2005, p. 7.

Em outras palavras, no processo da pesquisa, que envolve o conhecimento do mundo, vou igualmente me reconfigurando, pois o conhecimento é sempre um momento da formação do espírito que nunca aparece acabado. Por este motivo, ao iniciar um processo de pesquisa, emerge em mim a pulsão infinita que me impulsiona continuamente. Essa pulsão age como um negativo, uma força atuante que me impele em direção ao infinito, num processo paulatino de ampliação do círculo da consciência, conforme a metáfora do círculo dos círculos:

O círculo singular, por ser em si totalidade, rompe também a barreira do seu elemento e funda uma esfera ulterior. Por conseguinte, o todo se apresenta como um círculo de círculos, cada um dos quais é um momento necessário.⁴⁶

Portanto, o processo do conhecimento das coisas requer, simultaneamente, um processo do conhecimento de si mesmo pela consciência e do momento histórico no qual estou situado, porquanto o espírito se manifesta como aquele que, pouco a pouco, aprende a se conhecer. E o conhecimento sempre envolve a reflexão pela especulação.⁴⁷

4. Para Que Pesquisa? Um Ato De Autonomia.

Pudemos, ao longo desse diálogo, perceber que o ser humano não tem uma relação direta, imediata, com o mundo que o circunda, mas uma relação mediada pelo conceito. Foi dito também que o *meu* conhecimento não é da ordem do individual, mas da própria condição humana. Em vista disso, a pergunta pelo sentido do mundo não é tanto um problema do mundo senão o nosso problema: um problema do conhecimento. A maneira pela qual um fenômeno é observado supõe uma determinada concepção teórica do mundo. Logo, quem procura o sentido do mundo deve averiguar como e o que conhecemos.

O animal não humano, preso à dimensão biológica, ao contrário, vive extaticamente, ou seja, fora de si. Conforme Ortega y Gasset, o animal está “retido fora de si pela urgência dos perigos exteriores. Retornar-se a si mesmo seria distrair-se do que passa fora, e distração semelhante acarretaria a morte do animal.”⁴⁸ Em outras palavras, se a vida humana estivesse retida somente pela dimensão biológica,

⁴⁶ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, *Enciclopédia das ciências filosóficas*, 1995, p. 56.

⁴⁷ Especular provém do latim *speculum* (espelho): trata-se do processo que resulta no reflexo. Quando me olho no espelho há um processo especular, um desdobramento de mim mesmo. Diante do espelho me reconheço.

⁴⁸ Ortega y Gasset, José, *Que és filosofia?*, 1982, p. 140.

não haveria o processo do conhecer-se a si mesmo; é por este motivo que o animal não humano ignora a si mesmo em função da manutenção da própria vida biológica, e não desenvolveu a capacidade do pensamento, do voltar-se para dentro de si mesmo.

Com o ser humano, ao contrário, ocorreu, em algum instante da evolução, um processo extraordinário: “Como a atenção, que primariamente é centrífuga e vai à periferia, executa essa inverossímil torção sobre si mesma, e o ‘eu’, voltando às costas ao contorno, se põe a olhar para dentro de si mesmo?”⁴⁹. Essa capacidade de pensar, de voltar-se para dentro de si, de especular, é potencializada pelo processo da pesquisa. Hegel é explícito quando afirma que

Pensar é o ir-para-dentro-de-si do espírito e, assim, transformar em objeto o que ele é enquanto intui; é o recolher-se em si e, deste modo, separar-se de si. [...] Eis o que constitui o trabalho infinito do espírito: retirar-se da sua existência imediata, da vida natural feliz, para a noite e a solidão da autoconsciência e, a partir da sua força e poder, reconstruir pensando a realidade efetiva e a intuição dele separadas. A partir da natureza da coisa, esclarece-se que justamente a vida natural imediata constitui o contrário do que seria a filosofia, um reino da inteligência, uma transparência da natureza para o pensamento. Semelhante discernimento não se constitui assim tão facilmente para o espírito. A filosofia não é um sonambulismo, é antes a consciência mais desperta, e o seu despertar sucessivo é justamente a elevação de si mesmo para lá dos estados da unidade imediata com a natureza uma elevação e um trabalho que, enquanto diferença incessante de si em relação a si, para suscitar de novo a unidade mediante a atividade do pensamento, incidem no decurso de uma época e, claro está, de um longo tempo.⁵⁰

Pesquisadores, portanto, são indivíduos que, através de um esforço contínuo, procuram superar seus limites conceituais sobre a compreensão acerca do mundo e da própria existência. São pessoas que conseguem modificar sua atuação e percepção sobre e no mundo, tornando-se cada vez mais conscientes do seu próprio fazer, que procuram responder aos *problemas* que se lhes manifestam.

⁴⁹ Ortega y Gasset, José, *Que és filosofia?*, 1982, p. 141.

⁵⁰ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, *Introdução à história da filosofia*, 1991, pp. 52-53.

Devemos enfatizar que qualquer problema deve ter uma relação vivencial, um problema que, de fato, seja problema “para-mim”. Em outras palavras, uma pesquisa deve ser motivada por um problema que me convoca; caso contrário, torna-se algo estranho, mecânico, um arremedo, como expôs, magistralmente, Schopenhauer:

A verdade meramente aprendida fica colada em nós como um membro artificial, um dente postiço, um nariz de cera, ou no máximo como um enxerto, uma plástica de nariz feita com carne de outros. Mas a verdade conquistada por meio do próprio pensamento é como um membro natural, pois só ela pertence realmente a nós. [...] Assim, o produto espiritual de quem pensa por si mesmo é semelhante a um quadro, cheio de vida, com luzes e sombras precisas, uma tonalidade bem definida e uma perfeita harmonia das cores.⁵¹

A partir desse prisma, é plausível defender a tese que a finalidade da pesquisa é a própria liberdade pela educação, a emergência da consciência e da compreensão da condição humana no percurso histórico no qual estamos inseridos, um ato de libertação conquistado, pois, conforme Romano Guardini,

A educação é, de início, educação exógena, quer dizer, o influxo que sobre uma vida todavia por definir, exercem os pais, o entorno, os professores, ainda que a criança se comporta passiva ou receptivamente. Com o tempo aparece sua iniciativa pessoal e se faz cada vez mais vigorosa, até chegar, finalmente, à crise adulta e à maior idade, na qual, basicamente, o jovem toma o timão de sua própria vida. Na medida em que isto sucede, a ação educativa há de ser assumida interiormente, interiorizar-se e unir-se com a própria iniciativa.⁵²

O processo da educação pela pesquisa tem como finalidade emancipar e tornar o sujeito ativo da sua própria história pela capacidade “de transformar-se a si mesmo por sua capacidade reflexiva e seu poder de libertação”⁵³. Uma pesquisa capacita ao agente racional pensar por si mesmo, liberar-se das tutelas, avaliar coerentemente as

⁵¹ Schopenhauer, Arthur, *A arte de escrever*, 2005, p. 44.

⁵² Guardini, Romano, *Ética*, 2001, p. 102.

⁵³ Fiori, Ernani M, *Textos escolhidos: educação e política*, Vol. 2, 1991, p. 73.

coisas e ser agente da própria ação. Enfim, autonomia pelo conhecimento é a finalidade de uma pesquisa. É conseguir, finalmente, pescar o peixe que se quer pescar. É conseguir erguer-se mais alto, vislumbrar um horizonte mais amplo, aproximar-se daquele homem descrito nas palavras expressas por Apollinaire:

Certos homens são como colinas
Que se elevam dentre os homens
E vêm ao longe todo porvir
Melhor que o presente fosse
Mais nítido que o passado fosse⁵⁴

Referências Bibliográficas

- APOLLINAIRE, Guillaume. **Oeuvres poétiques**. Paris: Pléiade, 1965.
- ARENDT, Hannah. **The human condition**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- AQUINO, Santo Tomás. **O ente e a essência**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto. **Depois de Hegel**. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- _____. **Dialética para principiantes**. 3. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- FIORI, Ernani M. **Textos escolhidos: educação e política**. Vol. 2. Porto Alegre: LPM, 1991.
- GUARDINI, Romano. **Ética**. Barcelona: B.A.C., 2001.
- HEGEL, Georg Wilhem Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. **Introdução à história da filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Wer denkt abstrakt?* Disponível no sítio: <http://www.handout.de/downloads/HegelWerdenktabstrakt.pdf> (acessado 01/12/2009).
- HEIDEGGER (2002), M. **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KANT, IMMANUEL, **Oeuvres philosophiques**. Vol II. Paris: Gallimard, 1985.
- KANT, I. *Textos seletos*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MERLEAU-PONTY (2006a), M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2006b). **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2003). **Palestras**. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1984). **Textos selecionados**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. (1960). **Signes**. Paris: Gallimard.
- _____. (1945). **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard.

⁵⁴ Apollinaire, Guillaume, *Oeuvres poétiques*, 1965, p. 172.

LIMA VAZ, Cláudio Henrique. **Raízes da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Por que ler Hegel hoje?* In: BONI, Luis A. de. **Finitude e transcendência**. Porto Alegre/Petrópolis: Edipucrs/Vozes, 1996, pp. 222–242.

ORTEGA Y GASSET, José. **Que és filosofia?** 3. ed. Madrid: Alianza, 1982.

PERINE, Marcelo. Violência e niilismo: o segredo e a tarefa da filosofia. **Kriterion**, Belo Horizonte, 106, pp.108-126, dez. 2002.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. **Teeteto**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **L'idiote de la familie**. Vol. 1. Paris: Gallimard, 1972.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique**. Paris: Gallimard, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: LPM, 2005.

TAYLOR, Charles. **Philosophical arguments**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

THEISSEN, Gerd. **La religión de los primeros cristianos**. Salamanca: Sígueme, 2002.

***Autoria**

Osvaldino Marra Rodrigues. Mestrando em Filosofia/UFPI/Brasil

Email: dinomarra@terra.com.br